

2 Sujeito e vazio

2.1 O Sujeito da Ciência e o da Psicanálise

[...] o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência.

Jacques Lacan, 1965: 858.

Ao longo de sua obra, Lacan ao se debruçar sobre a noção de sujeito da psicanálise comumente retoma Descartes. Isso se justifica pelo papel inaugural que Descartes e seu *cogito* ocupam diante da ciência moderna e, mais especificamente, na delimitação do sujeito da ciência. Mas o que nos interessa na discussão sobre o sujeito da ciência quando nossa intenção nesse capítulo é nos aproximar do sujeito da psicanálise? Com o decorrer deste texto pretendo lembrar porque pensar sobre o nascimento do sujeito da ciência é passo fundamental para pensar o sujeito da psicanálise - chegando a encontrar no cerne da questão do sujeito da psicanálise o sujeito da ciência. Através de Lacan e Milner veremos como Descartes, ao inaugurar o modo de pensar moderno com a dúvida hiperbólica de seu *cogito*, abre as portas para o pensamento freudiano.

Na busca pelos verdadeiros fundamentos do conhecimento Descartes considera que estes seriam acessíveis através da contemplação, raciocínio e questionamento cuidadosos. Ao contrário dos empiristas clássicos que acreditavam que a certeza poderia ser acessada através dos sentidos, o racionalismo de Descartes taxa todas as qualidades sensíveis como passíveis de serem postas em dúvida e, portanto, inúteis como pistas no caminho para a verdade. Trilhando este caminho Descartes segue eliminando todo traço ou característica, fazendo restar como único ponto de verdade o próprio pensar. O que resta da filtragem rigorosa proposta por Descartes é somente a pura atividade de pensar como irrevogável, afinal de que se pensa não seria possível duvidar e esse pensamento atestaria a certeza da existência deste ser pensante – conclusão que fora sintetizada no aforismo “*penso, logo, existo*”.

Mas o pensar só é considerado índice de uma certeza quando esvaziado de qualquer predicado, de toda característica. Ali, nos termos de Milner (1996:34), nesse “pensamento sem qualidades”, é que seria lugar do conhecimento, pois tudo o que se encontraria ao redor disso, em camadas mais superficiais, seria incerto. Tudo o que se refere ao conteúdo do pensamento manifesto o *cogito* cartesiano considera revogável e nesse conjunto de pensamentos podemos incluir a consciência de si. Esta, a partir de Descartes, deixa de ter caráter essencial e de ser uma propriedade constitutiva do sujeito para ser vista como um elemento que obnubila nossa capacidade de conhecer o verdadeiro. É submetido a essa filtragem que o sujeito da ciência se constitui: “ele não tem nem Si, nem reflexividade, nem consciência” (Milner, 1996: 33).

São as exigências da ciência que tornam possível não mais conferir um papel central à consciência – à consciência de si em especial, para a existência de um sujeito. A desvinculação entre consciência de si e sujeito já anuncia em quê o sujeito cartesiano se assemelha ao sujeito freudiano, pois seguindo a trilha deixada por Descartes, Freud também observa que esse território mais superficial e prenhe de qualidades é tradicionalmente abordado pela filosofia como sendo equivalente ao sujeito (Ibid.: 35). Diante disso Freud propõe que consideremos essa superfície como um dos pólos que compõe essa estrutura mais complexa chamada sujeito e trata desse pólo como sendo o *eu*. Porém, em Freud (1923: 68) o *eu* não só deixa de corresponder ao sujeito como também é destituído do posto de comandante dessa estrutura para ser rebaixado a “uma pobre criatura” que deve serviços e é ameaçado por três senhores: o mundo externo, a libido do *isso* e a severidade do *supereu*.

Tratar o funcionamento do sujeito a partir da tríade *isso*, *eu* e *supereu*, mais do que desembocar num modelo de aparelho psíquico com determinados compartimentos e funções correspondentes, faz notar uma concepção de sujeito tomado numa divisão conflituosa e constitutiva que produz efeitos que em sua maioria não são conhecidos pelo *eu*¹. Lacan, como veremos pormenorizadamente a seguir, sustenta esta leitura de sujeito proposta por Freud.

Ser psicanalista é simplesmente abrir os olhos para essa evidência de que não há nada mais desbaratado que a realidade humana. Se vocês crêem ter um eu bem adaptado, razoável, que sabe navegar, reconhecer o que tem de ser feito e o que não tem de ser feito, levar em conta as realidades, não resta senão mandá-los para longe daqui. (Lacan [1955-1956]: 99)

Em Descartes e em Freud a verdade está mais próxima quanto mais nos aproximamos da dúvida, do que não é evidente e do que é efêmero. Nos sintomas e

¹ Sobre essa “divisão primordial” ver também em Lacan, (2005b: 44)

nos sonhos de seus pacientes Freud se depara com um pensamento que opera neles em completa independência da consciência – pensamento que logo viria a ser chamado de inconsciente. O que surge no conteúdo manifesto do sonho como estranho e descontínuo, falho e incerto é índice de uma certeza para Descartes e signo de um outro pensamento – o inconsciente, para Freud. Isso posto, já é possível ver com mais clareza porque o sujeito freudiano e o sujeito encetado por Descartes coincidem (Lacan, 1964: 38).

Na companhia de Freud e de Lacan, acompanhamos Descartes no seu primeiro momento do *cogito* quando ele insiste na dúvida visando atingir o certo, obtendo o ponto que resistiu à dúvida. Já o segundo passo dado por Descartes na segunda oração do *cogito* – “... *logo existo*”, não é acompanhado por Lacan, pois se Descartes chega ao pensamento qualificado e à consciência a partir da dúvida, Lacan se detém no primeiro tempo - o da dúvida que coloca em questão todo e qualquer atributo, e mantém em suspenso este momento antes que ele desdobre em qualquer definição. Ainda que esta dúvida seja um caminho para alcançar a certeza da razão, o mais importante que podemos extrair dela é que, ao desprover o pensamento de predicados e ao fixar um ponto de ancoragem num além da consciência, ela criou condições favoráveis para o aparecimento do sujeito da psicanálise, este sujeito que “não poderia, de maneira nenhuma, estar situado de uma maneira exaustiva na consciência, posto que ele é de início e primitivamente inconsciente” (Id., [1962-63]: 94).

Lacan dá maiores conseqüências ao *cogito* em suas considerações sobre o sujeito ao concluir que “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (1957:521)². Significaria dizer que quando estamos sob o controle do nosso pensamento, não somos, nos distanciamos do que de fato consistimos; aproximamo-nos do que somos quando não pensamos pensar, quando nos surpreendemos conosco. Porém, ainda que a consciência de si deixe de ser condição e morada do sujeito do inconsciente, o inconsciente não é externo ao sujeito. Se outros campos de saber que também abordam a verdade como a magia ou a religião separam esse inconsciente e sujeito³, Lacan (Ibid.,:518) esclarece que “a experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa de fora de seu campo nenhuma de nossas ações”.

² Ver também em Lacan, 1970: 436.

³ Dedicar-me-ei mais cuidadosamente a essa discussão no terceiro capítulo.

É, portanto, através da operação da ciência moderna que se torna possível conceber a questão do sujeito em contraposição a uma idéia egocentrista de totalidade e de núcleo. Esse desbastamento do eu pela psicanálise é tido como uma ferida narcísica sendo comumente comparado à revolução copernicana porque, se a segunda remove a terra do centro do universo destituindo o homem deste lugar de destaque no cosmos, a psicanálise destitui o *eu* do centro do aparelho psíquico (Id., [1954-55], 1970).

Mais do que remover o *eu* do centro, o que a psicanálise empreende é o fim da idéia de que há um centro, pois “centro” e “boa forma” são noções caras ao *eu* e estranhas ao sujeito da ciência e o da psicanálise. Isso explica as reservas de Lacan com relação ao termo “ciências humanas”, pois, insistindo na direção proposta por Descartes, podemos também concluir que não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe. Como elemento qualitativo, como consciência de si, como *eu*, o homem está excluído desde o ponto de partida do *cogito*, restando apenas o sujeito como ruptura com qualquer referência humanista: um sujeito desbastado de toda forma de individualidade empírica (Id., 1965: 871).

Se o sujeito freudiano não é outro senão o sujeito cartesiano, Freud deu um passo à diante nessa discussão e localizou nesse pensar sem centro, sem qualidades e endereço do sujeito – o inconsciente: “Aqui no campo do sonho, estás em casa” (Id., 1964: 47). Lacan, seguindo as pistas deixadas por Freud, amplia essa conclusão ao entender que a existência de um pensamento é sinal da existência do sujeito que interessa à psicanálise – o sujeito do inconsciente.

2.2

O sujeito da psicanálise

A heteronomia radical, cuja hiância no homem foi mostrada pela descoberta de Freud, já não pode ser encoberta [...]. Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?

Lacan, 1957: 528

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo

Clarice Lispector, 2000:20

Milner e Koyré através de Lacan nos forneceram até aqui alguns fundamentos que nos possibilitam distinguir o sujeito da ciência e o da psicanálise do *eu*. Mas o que podemos afirmar especificamente sobre o sujeito da psicanálise? A afirmação “no começo, era o Verbo” (Lacan, 2005b: 77) anuncia a condição desse sujeito acometido pela linguagem, portanto, partiremos da premissa de que é preciso considerar a importante incidência do significante na constituição do sujeito - por ser a entrada dele no Real que faz nascer o sujeito (Id., [1962-63]: 94), para nos determos sobre a linguagem e suas leis compreendendo como ela patrocina o surgimento do sujeito e que marcas ela imprime em seu modo de funcionar.

Recorrendo aos princípios da lingüística de Ferdinand de Saussure, Lacan (1957: 500) concebe a estrutura da linguagem a partir da separação entre significante e significado, que seriam entendidos como “ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação”. Palavra e coisa não possuiriam uma correspondência natural a partir de Saussure e este corte - que é uma barra colocada entre significante e significado, dá a chance de iniciarmos uma reflexão sobre as ligações do significante bem como sobre o papel destas para a criação do significado.

A armadilha, o buraco no qual não se deve cair, é a de crer que o significado são os objetos, as coisas [...]. O sistema de linguagem, em qualquer ponto em que vocês o apreendam, nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido a um ponto da realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede da linguagem. (Lacan, [1955-56]: 43)

O significante não representa o significado, tanto que uma significação só se sustenta quando remetida a outra, nunca bastando em si mesma e estando sempre em relação. Por isso a expressão “cadeia significante”, visto que o significante, por possuir uma estrutura que consiste em “ele ser articulado” (Ibid.: 504), só consegue se fechar dentro de um outro significante tal como os elos de uma corrente. É nessa insistência, que nunca alcança a consistência, que o significado desliza infinitamente sobre o significante (Id., 1957: 506). Se o significante não representa o significado, podemos, com Lacan, dizer que um sujeito é o que um significante representa para outro significante (Ibid., 1970: 411).

Inserido na linguagem que contém o mundo e cujas leis preexistem ao sujeito, o último se constitui pautado por elas o que significa que, o inconsciente, a verdade do sujeito se expressa no campo da linguagem e que “esse inconsciente não tem, ele mesmo, afinal, outra estrutura senão uma estrutura de linguagem” (Lacan, [1959-60: 45]).

As leis da linguagem impõem e patrocinam um contorcionismo que enquadram o aparecimento da verdade do sujeito nas entrelinhas do discurso, “*entre as palavras*” (Vieira, 2008b: 56). É justamente manejando a palavra através de recursos como, por exemplo, o da metáfora e da metonímia e trazendo-a de modo peculiar que é possível ao sujeito emitir a sua mensagem, ainda que ela seja sempre meio-dita, sempre impossível de ser toda incluída no discurso (Lacan, 1972: 454). Isso se justifica porque esta verdade passa pelo crivo da linguagem e recebe “a marca que a institui numa estrutura de ficção” (Id., 1960a: 822), o que faz com que a cadeia deixe de ter a função principal de comunicar um fato objetivamente para funcionar como meio material a partir do qual o sujeito cria uma mensagem particular se servindo da língua “para expressar algo completamente diferente do que ela diz” (Lacan, 1957:508).

Como pudemos ver, o significante e o significado, mais do que separados, possuem entre si uma insuficiência que persiste, que faz sempre restar algo de não-articulável e que faz persistir também a substituição do significante por outro. Essa lacuna estrutural da linguagem que se mantém através dessa rede de significantes que vai se encadeando, engendra um determinado funcionamento de sujeito: um sujeito que porta uma verdade, mas que dela só tem notícias de maneira tortuosa e incompleta. A partir dessas leis da linguagem o sujeito se estrutura de um modo que o localiza entre dois significantes, nos desvios (Vieira, loc. cit.) e que o aproxima mais do intervalo, do furo do que da substância.

Vale especificar qual noção de furo evocamos aqui e começemos por excluir a definição de furo que trata de uma estrutura na qual há uma carência para chegarmos até um estrutura que se define por portar um furo em sua constituição. Não tratamos aqui de um furo qualquer, e sim do furo em um sentido topológico que é primeiramente destacado por Lacan com a metáfora do oleiro e que Vieira (op. cit.: 57) retoma trazendo-o “como aquilo que está em torno de uma reta infinita”. Esta reta sendo infinita significa que será impossível alcançar o final, o fundo desse furo, o que lhe confere a função de “abertura para o infinito” (Ibid.:58)⁴.

Lacan, ao se debruçar sobre a noção de sujeito, retoma os fundamentos freudianos e também insiste na inexistência de qualidades nesse sujeito. Isso fica especialmente evidente em seu seminário sobre a ética quando Lacan utiliza a metáfora do oleiro para dizer que se comumente pensamos que a causa material deste objeto seria o próprio material, isto é, o barro, a cerâmica que é utilizada ali; para

⁴ Retomaremos essas considerações sobre o furo e o infinito posteriormente quando abordarmos a noção de Nome-do-Pai.

a psicanálise a causa material seria o vazio, o buraco (Lacan, [1959-60]; Freire et. al., 1996). É o vazio do vaso que introduz a perspectiva de ser preenchido, causando a borda, o entorno material. O sujeito para Lacan (Ibid.: 153) seria tal como esse vazio, esse *nihil*, em torno do qual a cadeia significante é bordada.

O sujeito na psicanálise se apresenta, tal como o vaso, como hiância, como *Spaltung*⁵ esvaziada de imaginário que só ganha algum corpo quando encarnado pelo significante. Percebemos que o corpo, a unidade é posterior, é conseqüência desse movimento de sujeito de dar contornos ao que é ruptura. É esse vazio que alinhava esses elementos imaginários podendo, somente assim, vir a conferir uma identidade, uma “subjetividade” como contorno a esse vazio.

Foi Freud quem nos revelou a incidência de um saber tal que, ao se subtrair a consciência, nem por isso deixa de se denotar estruturado, digo eu, como uma linguagem; mas articulado a partir de onde? Talvez de parte alguma em que seja articulável, já que é apenas um ponto de falta, impensável de outra maneira que não através dos efeitos pelos quais é marcado, e que torna precário que alguém se entenda dele. (Lacan, 1970:423)

É porque há o furo que o vaso é um vaso, visto que se obturamos o furo ele não é mais um vaso e passa a ser outra coisa. É nesse sentido que o furo é estrutural porque ele define e sustenta a composição que ele engendra e é nesse bojo que o aproximaremos, a partir de Lacan, ao impossível⁶. Se a manutenção do vazio é condição para a existência do vaso, o centro de um vaso não pode ser completado porque senão não há mais vaso e essa condição lógica estabelece um impossível. Devemos distinguir esse “impossível estrutural” de uma impotência, porque a impotência em tamponar o furo remeteria a uma dificuldade em fazê-lo e não é isso que está em questão aqui. O furo deve ser entendido como impossível porque é um “vazio estruturante” (Vieira, 2008b:32), do qual depende a estrutura e não como impotência por ser um ponto que resiste ao preenchimento.

Como imponderável, como só sendo possível de ser acessado através dos seus efeitos que nos aproximaremos dessa dimensão impensável de vazio do sujeito da psicanálise. Os traços tidos como pertencentes ao campo da essência, da identidade, da subjetividade ou qualquer outro traço que tenha raízes em uma substância ou unidade seriam considerados elementos agrupados a partir de algo que é primário, como efeitos de uma estrutura que nada tem a ver com uma consistência, mas sim com um vazio. Porém esse acabamento levantado em torno dessa fissura nunca está

⁵ Termo alemão que poderia ser traduzido como fenda, fresta, fissura, racha. Cf. Lacan, 1965: 869.

⁶ “Basta que se entenda ‘furo’ no sentido de um impossível” (Vieira, 1999).

constituído de uma vez por todas, sendo necessário que ele seja sempre refeito a cada momento, eternamente.

Nessa busca incessante por um corpo é que se sustenta a afirmação de Lacan sobre o sujeito como efeito do significante que remete para um outro significante, como puro vazio entre dois significantes. É a existência dessa fissura primordial que garante a necessidade desse constante encadeamento de significantes, que, conseqüentemente, dá estofo ao *eu* e dá liga ao nosso corpo.

Essa idéia de furo como o que dá estabilidade à estrutura nos distancia de uma definição de furo como interrupção da continuidade dos pontos de uma superfície, porque desta forma a definição do furo dependeria da definição de superfície quando o que defendemos aqui é justamente o inverso: “o furo, em vez de ser definido pela superfície, define-a” (Ibid.:58)⁷. A partir de Freud a superfície, o corpo, assim como o *eu* são produtos de uma operação psíquica que também interessou Lacan⁸ e que faz do corpo mais do que a soma de suas partes por entender que ele porta algo que está além dele e isto lhe confere vida.

Dessa forma, percebemos que a nossa consistência não é natural, que ela não está em nós, que ela depende de algo que destoa do todo e que quando esse furo desaparece, essa estabilidade alcançada pode se dissolver. Alguns quadros clínicos - a psicose está entre eles - nos permitem observar que não somos nosso corpo, que “nunca se é um sempre se tem um” (Vieira, 2008b: 106). Ganhamos o corpo através de uma operação, na qual o imaginário recobre o real vestindo-o com uma imagem, e dá liga aos feixes da pulsão e que quando esta operação falta, a unidade desvanece (Ibid.: 59, 76).

Esse furo que é o sujeito faz uma marca que organiza todos os pequenos fragmentos de mim e que singulariza todo o meu corpo, que faz com que eu ache que ele é meu. Porém esse todo não é formado pela junção das partes, ele é mais do que a soma delas. Não são essas imagens do que eu sou que sustentam o meu *eu*, o que dá estabilidade não é fixo nem consistente como essas imagens, mas sim algo dinâmico: o furo, o simbólico (Vieira, 1999).

⁷ Além de discutir amplamente esse estatuto do vazio na estrutura, Vieira (1999, 2008b) nos informa que esta definição de furo que descartamos aqui, pertence à geometria Euclidiana.

⁸ Refiro-me aqui aos estudos empreendidos por Freud (cf. 1914). Cf. também quanto a este ponto os desenvolvimentos de Lacan sobre a constituição da unidade corporal em seu estágio do espelho (1949), assim como seu esquema ótico (cf.1960b).

Que o próprio eu seja função da relação simbólica e possa ser afetado por ela em sua densidade, em suas funções de síntese, [...] só é possível em razão da hiância aberta no ser humano [...]. Eis o ponto de impacto da intrusão simbólica. (Lacan, [1957-58]: 13)

Para falar desta hiância tomemos como exemplo o primeiro sonho interpretado por Freud, o sonho de Irma. Freud decompõe a cena do sonho em muitos elementos - a palidez, a resistência da paciente, as placas esbranquiçadas e a cavidade bucal; e se depara com elementos nos sonhos para os quais as associações sobre o sonho convergiriam e que, mesmo sendo submetidos insistentemente a sua abordagem resistiriam à interpretação. Nas palavras dele esse ponto do sonho seria “um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar” (Freud, 1900: 556) devendo ser deixado na obscuridade porque a sua elucidação não traria conhecimento algum sobre o sonho. A esse trecho do sonho, Freud chama de umbigo dos sonhos e sobre ele Freud afirma que este seria o ponto de contato do sonho com o desconhecido, o centro incógnito⁹.

Só a imagem do umbigo já nos ajuda a pensar esse vazio, esse imponderável que é o sujeito, afinal o umbigo é uma parte do corpo que se define por ser furo, por não ser nada. O umbigo não é o entorno do umbigo, mas o furo ele mesmo. Porém, Freud vai além da imagem do umbigo e diz que ele é o ponto de contato nos sonhos com o desconhecido¹⁰, com o que não tem consistência alguma e que não terá apesar de todo esforço de alguma substancialização. Se o umbigo no sonho não informa nada sobre o sonho, sobre o que ele pode nos informar? Freud nesse ponto nos esclarece sobre o que há de mais elementar e difícil de ser apreendido em relação à constituição do sujeito: de que no cerne disso está um imponderável, um buraco como “deslocamento que é o sujeito de uma resistência essencial ao discurso como tal” (Lacan, [1957-58]: 524).

Isso não significa que o sujeito é insuficiente, incompleto, que há um além da estrutura e, este sim, seria total e completo, mas sim que essa estrutura se compõe e se sustenta porque há esse impossível. Ainda em seu “O Seminário, livro 11” (1964) Lacan afirma que é esta lacuna que subverte a nossa experiência e que, sem ela, o mundo estaria dado a priori e o nosso corpo se reduziria ao corpo anatômico, ao corpo tal como ele é concebido pela ciência (Vieira, 1999)¹¹.

⁹ Posteriormente o umbigo dos sonhos será relacionado ao “ponto de basta” trabalhado por Lacan em seu seminário sobre as psicoses. Por ora nos deteremos em sua definição de furo.

¹⁰ *unbekannt*, no original em alemão.

¹¹ Este ponto será extensamente abordado no segundo capítulo.

Sem esse furo as relações entre nós no real poderiam se passar através de relações inversamente recíprocas, afinal todo o nosso repertório de comportamento, tal como nos animais, seria orientado imaginariamente. Não se trata de conferir ao imaginário uma tarefa menos nobre ou um lugar hierarquicamente inferior com relação ao simbólico e ao real, até porque, se o vazio tem a sua função, é impossível viver absolutamente nele. É preciso algo que o contorne, o bordeje, que construa uma superposição de vida e morte, porque “[...] se a imagem desempenha igualmente um papel capital num campo que é o nosso, esse papel é inteiramente retomado, refeito, reanimado pela ordem simbólica” (Lacan, [1955-56]: 17).

Portanto, é justamente por não possuir uma substância, que o sujeito produz novidade, originalidade. É exatamente essa hiância, esse imponderável, o qual já podemos chamar sujeito, que pode funcionar como imprevisto, como o que dá vida ao que poderia ser inerte, constante e monótono porque ele insiste em escapar e em surpreender.

Tendo discutido a existência do impossível e localizado a sua função fundadora podemos avançar na discussão sobre o manejo desse vazio pela ciência.